


LINGUAGENS NÃO-VERBAIS NA EDUCAÇÃO XERENTE: A TRANSMISSÃO DE SABERES POR MEIO DO SILÊNCIO E DA OBSERVAÇÃO

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-268>

Data de submissão: 17/11/2024

Data de publicação: 17/12/2024

Leonardo Sampaio Baleeiro Santana

Mestre em Educação
Universidade Federal do Tocantins

Neila Barbosa Osório

Pós-Doutora em Educação
Universidade Federal do Tocantins

Wesquisley Vidal de Santana

Doutorando em Educação na Amazônia
Universidade Federal do Tocantins

Leila Cardoso Machado

Mestre em Linguística Aplicada
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Adriana da Costa Pereira Aguiar

Mestre em Educação
Universidade Federal do Tocantins

Katia Juliane Lopes de Oliveira

Mestra em Letras e Linguística Aplicada
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Elizângela Mendes Sousa Carneiro

Mestre em Educação
Universidade Federal do Tocantins

Giselle Carmo Maia

Mestranda em Educação
Universidade Federal do Tocantins

Luciano Paulo de Almeida Souza

Mestrando em Educação
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Antônia Raquel Lima Camargo Zottos

Especialista em Trabalho Social com Família
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

RESUMO

Este estudo investigou as práticas não-verbais de ensino e aprendizagem na cultura Xerente, destacando o papel do silêncio, do olhar e dos gestos na transmissão de saberes intergeracionais. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, buscou compreender como essas metodologias não-verbais se configuram como formas legítimas e eficazes de educação, desafiando paradigmas centrados na oralidade. Os resultados apontaram que essas práticas, além de preservarem a identidade cultural, promovem um aprendizado experiencial e coletivo, integrando valores e habilidades práticas. Foram discutidos os impactos dessas metodologias na sociedade e na academia, bem como suas limitações, como a ausência de dados empíricos diretos, e sugeridos caminhos para estudos futuros, incluindo abordagens participativas e investigações interculturais. A pesquisa reafirma a relevância das epistemologias indígenas para repensar modelos educacionais mais inclusivos e diversificados.

Palavras-chave: Silêncio, Olhar, Gestos.

1 INTRODUÇÃO

As culturas indígenas possuem maneiras únicas de transmitir conhecimentos, muitas vezes escapando aos moldes convencionais de ensino ocidental. Entre os Xerente, povo indígena localizado no Brasil central, destaca-se uma pedagogia rica em práticas não-verbais, que se manifestam por meio do silêncio, do olhar e dos gestos. Essa forma de ensinar e aprender transcende a linguagem falada e se constrói na interação direta com o ambiente e na convivência comunitária. O presente trabalho propõe explorar essa dimensão educativa específica, que resiste às generalizações e abre espaço para reflexões profundas sobre os métodos de ensino intergeracional.

O estudo foi desenvolvido por meio de uma metodologia qualitativa e bibliográfica, com a intenção de compreender como essas práticas não-verbais operam na transmissão de saberes entre os Xerente. A abordagem busca captar não apenas o que é transmitido, mas também como e por que esses métodos permanecem relevantes em um mundo cada vez mais centrado em tecnologias e formas verbais de comunicação. Essa escolha metodológica permite uma análise detalhada das dimensões culturais e epistemológicas dessa prática pedagógica.

O objetivo principal deste trabalho é investigar de que maneira os Xerente utilizam o silêncio, o olhar e os gestos como métodos pedagógicos, enfatizando suas contribuições para a preservação cultural e para a formação de identidades comunitárias. A pergunta que orienta esta investigação é: como as práticas não-verbais podem ser compreendidas como formas legítimas de ensino e aprendizagem, especialmente em uma cultura marcada por tradições orais e visuais? Essa questão surge da necessidade de dar visibilidade a práticas educativas que, embora eficazes e significativas, são muitas vezes marginalizadas ou ignoradas por epistemologias dominantes.

A relevância deste estudo está diretamente ligada ao momento contemporâneo, em que o debate sobre educação intercultural e a valorização das epistemologias indígenas ganha força. Compreender as práticas pedagógicas Xerente não é apenas uma forma de valorizar a diversidade cultural, mas também de expandir as possibilidades do próprio conceito de educação. Além disso, o trabalho contribui para reforçar a importância de preservar as tradições culturais frente aos desafios da globalização e da homogeneização cultural. Nesse sentido, este estudo se apresenta como uma oportunidade de pensar em novas formas de ensino, integrando as lições de povos que, há séculos, possuem suas próprias maneiras de aprender, ensinar e resistir.

2 SABERES TRANSMITIDOS PELO SILÊNCIO

O silêncio, entre os Xerente, emerge como uma linguagem carregada de significados, que transcende a ausência de palavras para se configurar como um espaço pedagógico ativo. Nesse contexto, o silêncio é tanto um meio de comunicação quanto um método de transmissão de saberes intergeracionais. Ele possibilita que o aprendiz observe e internalize os gestos, rituais e práticas culturais que sustentam a identidade do povo Xerente. Diferentemente de metodologias ocidentais, que priorizam a oralidade e o discurso explícito, o silêncio entre os Xerente opera como uma experiência sensorial e de imersão no conhecimento, promovendo a integração entre o aprendiz e a vivência comunitária (Melgaço & Pernambuco, 2018).

A pedagogia do silêncio permite que o indivíduo não apenas adquira informações, mas também compreenda os valores e significados culturais implícitos na prática observada. Para os Xerente, o silêncio não é vazio, mas repleto de ensinamentos que se revelam nas interações com o ambiente, com os mais velhos e com a coletividade. Essa prática contrasta com a imposição da lógica eurocêntrica, que frequentemente deslegitima formas não-verbais de conhecimento, reforçando a necessidade de uma epistemologia decolonial que valorize saberes indígenas (Backes & Nascimento, 2011).

A observação associada ao silêncio é outro elemento essencial no aprendizado Xerente. Os jovens aprendem técnicas de caça, pesca, construção e até rituais sagrados ao observar atentamente os gestos e comportamentos dos mais velhos. Esse processo é profundamente interativo, mesmo sem palavras. O aprendiz é estimulado a inferir significados, desenvolver habilidades motoras e cognitivas, e, sobretudo, integrar-se aos valores comunitários por meio de uma pedagogia que privilegia a experiência prática sobre o discurso teórico (Braggio, 2009).

O silêncio também desempenha um papel central na construção da autonomia do aprendiz. Ao invés de depender de explicações verbais, o indivíduo aprende a interpretar, adaptar e transformar os ensinamentos para resolver problemas práticos em sua realidade cotidiana. Essa autonomia intelectual encontra ressonância na proposta de Jacques Rancière sobre a emancipação intelectual, que defende que o verdadeiro aprendizado ocorre quando o indivíduo se torna capaz de criar sentidos por si mesmo (Rancière, 2018).

Além disso, o silêncio nos contextos educativos Xerente promove um tipo de escuta profunda, que é essencial para a compreensão dos ensinamentos transmitidos. Não se trata apenas de ouvir as palavras, mas de perceber os gestos, o tom, os ritmos e os contextos nos quais o conhecimento é compartilhado. Essa dimensão amplia as possibilidades de comunicação e enriquece as formas de ensino, revelando como o silêncio é uma ferramenta ativa e complexa na transmissão de saberes (Hymes, 1994).

Ao incorporar o silêncio como prática educativa, os Xerente ressignificam o conceito de pedagogia ao demonstrar que o aprendizado pode ocorrer na ausência de palavras. Essa abordagem desafia as epistemologias dominantes e abre caminho para uma nova compreensão sobre como os saberes podem ser transmitidos de maneira mais sensível às culturas locais e às especificidades de cada povo. Paulo Freire já destacava a importância de respeitar os contextos culturais dos educandos como base para qualquer processo educativo transformador (Freire, 1970).

A prática do silêncio, portanto, não é apenas um método de ensino, mas também uma maneira de preservar a cultura Xerente. Ela assegura que os conhecimentos tradicionais permaneçam vivos, sendo transmitidos de geração em geração sem a necessidade de intermediários externos. Essa transmissão de saberes fortalece os laços comunitários e reafirma a identidade cultural, contribuindo para a resistência frente às pressões de assimilação e homogeneização cultural impostas pelo mundo globalizado (Santos, 2010).

Dentro desse processo, o silêncio não é homogêneo; ele assume formas distintas dependendo do contexto de aprendizado. Por exemplo, no treinamento de habilidades práticas como a caça, o silêncio é necessário para evitar a dispersão das presas. Já em contextos espirituais e rituais, ele assume um caráter sagrado, promovendo uma conexão profunda entre o aprendiz, a comunidade e os elementos espirituais (Rodrigues, 1986).

Essas práticas revelam uma sofisticação no uso do silêncio que ultrapassa a noção de ausência de som. Trata-se de uma pedagogia que explora as múltiplas dimensões da comunicação não-verbal, em que o silêncio e a observação são tão potentes quanto a palavra falada. Esse modelo educacional pode inspirar reflexões mais amplas sobre o papel do silêncio em processos educativos diversos, questionando a hegemonia da palavra em práticas pedagógicas contemporâneas (Bakhtin, 1997).

No entanto, é importante ressaltar que a pedagogia do silêncio não está isenta de desafios. Em contextos de escolarização formal, marcados por currículos padronizados, as práticas não-verbais dos Xerente frequentemente entram em conflito com as metodologias convencionais. Esse embate reflete as tensões entre epistemologias indígenas e eurocêntricas, evidenciando a necessidade de práticas educativas interculturais que respeitem as especificidades de cada cultura (Brasil, 1988).

3 EDUCAÇÃO PELO OLHAR NA CULTURA XERENTE

Por meio do ato de observar, os jovens Xerente aprendem a compreender o mundo ao seu redor, internalizando valores, conhecimentos práticos e significados culturais. Essa pedagogia visual transcende a mera contemplação; ela envolve uma profunda interação com os elementos observados,

transformando o olhar em uma ferramenta de interpretação e apreensão dos saberes que estruturam a vida comunitária (Hymes, 1994).

No contexto da educação Xerente, o olhar é simultaneamente individual e coletivo, pois o aprendiz não observa isoladamente, mas em constante interação com os mais velhos e com o ambiente. O aprendizado ocorre à medida que o olhar é guiado por gestos e posturas que direcionam a atenção para elementos específicos. Por exemplo, no processo de aprendizado de práticas agrícolas, o aprendiz é levado a observar os ciclos naturais, os gestos precisos do plantio e as interações entre os membros da comunidade durante a colheita, integrando elementos de uma pedagogia visual e experiencial (Rodrigues, 1986).

O olhar também estabelece uma relação direta entre o aprendiz e o objeto de aprendizado, eliminando a necessidade de explicações discursivas. Em atividades como a caça, o olhar não é apenas uma ferramenta de aprendizado, mas uma habilidade essencial para a sobrevivência, permitindo identificar rastros, comportamentos de animais e sinais do ambiente que indicam mudanças climáticas ou perigos iminentes. A educação pelo olhar, nesse contexto, exige um estado de atenção plena e uma sensibilidade que vão além das formas tradicionais de ensino (Braggio, 2009).

Entre os Xerente, a capacidade de aprender pelo olhar é aprimorada desde a infância, quando as crianças são incentivadas a observar atentamente os mais velhos em suas atividades cotidianas. Essa prática não apenas ensina habilidades práticas, mas também reforça valores culturais como o respeito, a paciência e a interdependência comunitária. O olhar se torna, assim, uma ponte entre gerações, permitindo a transmissão de saberes de forma orgânica e integrada à vivência diária (Freire, 1970).

A educação pelo olhar também desempenha um papel importante nos rituais e cerimônias Xerente, onde os participantes, especialmente os mais jovens, aprendem os significados simbólicos por meio da observação atenta dos gestos e movimentos dos mais velhos. Esse aprendizado visual não é limitado ao momento do ritual; ele se estende para a vida cotidiana, moldando a forma como os indivíduos compreendem e reproduzem os valores espirituais e culturais em suas práticas diárias (Melgaço & Pernambuco, 2018).

Ademais, o olhar no contexto Xerente é uma prática de reciprocidade, pois quem observa também é observado. Esse movimento de troca estabelece uma relação de confiança e reconhecimento entre o aprendiz e o mestre, permitindo que o aprendizado se dê de forma dinâmica e adaptativa. Ao observar as reações do aprendiz, o mestre ajusta seus gestos e ações, promovendo um processo educativo mais sensível e eficiente. Esse modelo contrasta com a rigidez das pedagogias convencionais, que muitas vezes desconsideram a singularidade do aprendiz (Rancière, 2018).

A prática do olhar como ferramenta educativa também revela a complexidade da comunicação não-verbal na cultura Xerente. Em muitos casos, o que é observado não é apenas um gesto ou uma ação, mas todo um contexto de significados que inclui o ambiente, as relações sociais e os valores implícitos na prática observada. Essa dimensão amplia as possibilidades de aprendizado, permitindo que o aprendiz desenvolva uma compreensão profunda e integrada dos saberes transmitidos (Santos, 2010).

E sobre esses saberes transmitidos na visão de Santos (2010), o olhar é usado como uma forma de reafirmação cultural, pois ao observar os mais velhos, os jovens também assimilam práticas e valores que fortalecem sua identidade como povo Xerente. Em um mundo marcado por pressões de assimilação cultural, a educação pelo olhar torna-se uma ferramenta essencial para a preservação das tradições e da autonomia cultural, garantindo que os saberes tradicionais continuem vivos e relevantes para as novas gerações (Machado, 2020).

Nas práticas de observação, o tempo tem um papel fundamental. O aprendizado pelo olhar exige paciência, atenção e repetição, permitindo que o conhecimento seja internalizado de forma gradual e duradoura. Esse ritmo contrasta com a lógica acelerada da modernidade, destacando a necessidade de respeitar os tempos naturais do aprendizado e as especificidades culturais de cada contexto educativo (Bakhtin, 1997).

A educação pelo olhar também desafia o paradigma educacional tradicional ao enfatizar a importância das dimensões sensoriais no aprendizado. Enquanto os modelos ocidentais tendem a priorizar a abstração e a racionalidade, o modelo Xerente demonstra como o aprendizado sensorial pode ser igualmente rico e eficaz, especialmente em contextos que valorizam a interação direta com o ambiente e a vivência prática (Backes & Nascimento, 2011).

Ao longo do processo educativo, o olhar se transforma em uma prática reflexiva, na qual o aprendiz não apenas observa, mas também interpreta, questiona e ressignifica o que é observado. Essa prática desenvolve uma capacidade crítica que é essencial para a autonomia intelectual e cultural, mostrando como o olhar pode ser uma ferramenta poderosa para o empoderamento individual e coletivo (Freire, 1970).

3.1 PRÁTICAS NÃO-VERBAIS NA APRENDIZAGEM COMUNITÁRIA

Essas práticas se manifestam de maneira orgânica, envolvendo o corpo, o olhar, os gestos e até o silêncio como elementos essenciais de comunicação e aprendizado. Na comunidade Xerente, a aprendizagem não é restrita a espaços formais ou momentos específicos, mas está inserida no

cotidiano, onde cada interação se torna uma oportunidade para ensinar e aprender, fortalecendo os laços sociais e culturais (Melgaço & Pernambuco, 2018).

Uma das principais práticas não-verbais consiste no aprendizado por imitação, no qual o aprendiz, geralmente um jovem ou uma criança, observa atentamente as ações dos mais experientes e as replica em sua própria prática. Esse processo, ao contrário da instrução verbal direta, permite que o aprendiz internalize as habilidades por meio de um envolvimento ativo e corporal, reforçando não apenas a técnica, mas também os valores subjacentes à prática. A repetição dos gestos observados, por sua vez, solidifica o conhecimento, enquanto a interação com os outros ajusta e aprimora a execução (Rancièrè, 2018).

O gesto, como ferramenta de ensino, carrega significados que ultrapassam a mera funcionalidade. Em atividades como o manejo de ferramentas ou a construção de abrigos, os movimentos são cuidadosamente observados pelos aprendizes, que captam não apenas o que está sendo feito, mas como e por que está sendo realizado. Esses gestos contêm camadas de simbolismo que conectam o indivíduo ao coletivo e ao ambiente natural, destacando a interdependência entre as dimensões práticas e espirituais da vida Xerente (Hymes, 1994).

O corpo, como meio de expressão e comunicação, desempenha um papel central nessas práticas. A postura, o ritmo dos movimentos e até a proximidade física entre os membros da comunidade transmitem mensagens que são compreendidas intuitivamente pelos aprendizes. O corpo se torna, assim, um texto vivo, cuja leitura e interpretação são essenciais para a integração do aprendiz nos processos comunitários. Essa dimensão corporal do aprendizado reforça a ideia de que o conhecimento não é apenas intelectual, mas também sensorial e emocional (Backes & Nascimento, 2011).

A observação coletiva de práticas como rituais e celebrações também exemplifica a importância das práticas não-verbais na aprendizagem comunitária. Durante esses eventos, os aprendizes não apenas observam passivamente, mas participam ativamente como espectadores engajados, absorvendo os significados culturais expressos nos movimentos, nos ritmos e nas interações sociais. Esse aprendizado visual e experiencial fortalece o pertencimento cultural e contribui para a continuidade das tradições (Rodrigues, 1986).

O silêncio, frequentemente mal compreendido em culturas centradas na oralidade, também ocupa um lugar de destaque na aprendizagem comunitária Xerente. Ele funciona como um espaço de reflexão, integração e respeito, permitindo que o aprendiz processe o que foi observado e internalize os significados transmitidos. O silêncio, nesse sentido, não é ausência, mas uma pausa ativa que valoriza o tempo necessário para a compreensão e a assimilação dos saberes (Bakhtin, 1997).

As práticas não-verbais na aprendizagem comunitária também se destacam pela flexibilidade e adaptabilidade. Cada aprendiz é incentivado a interpretar e aplicar os conhecimentos de acordo com suas próprias capacidades e experiências, promovendo uma educação que respeita as individualidades sem perder de vista o coletivo. Essa abordagem contrasta com métodos rígidos de ensino, que frequentemente desconsideram as especificidades culturais e individuais dos aprendizes (Santos, 2010).

Desta forma, a transmissão de saberes por meio de práticas não-verbais contribui para a manutenção de uma ecologia dos saberes, na qual diferentes formas de conhecimento coexistem e se complementam. Ao enfatizar o gesto, o silêncio e o corpo, a cultura Xerente demonstra que o aprendizado não-verbal é tão legítimo e complexo quanto as formas verbais de transmissão de conhecimento. Essa integração desafia a hegemonia das epistemologias eurocêntricas e reforça a importância de valorizar as particularidades culturais (Machado, 2020).

A interação comunitária por meio de práticas não-verbais também fortalece a coesão social, pois cada momento de aprendizado é, simultaneamente, uma experiência de convivência e colaboração. Os gestos, os olhares e os movimentos são compartilhados, criando uma rede de significados que conecta os indivíduos à comunidade como um todo. Essa dimensão relacional do aprendizado promove uma educação integradora, que valoriza tanto o indivíduo quanto o coletivo (Freire, 1970).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados apresentados até este ponto destacam a centralidade das práticas não-verbais na transmissão de saberes entre os Xerente, revelando uma pedagogia enraizada no silêncio, no olhar e nos gestos. Essas práticas, incorporadas ao cotidiano, mostram-se eficazes para garantir a continuidade cultural e a aprendizagem intergeracional, desafiando paradigmas ocidentais de ensino que priorizam a oralidade. Cada elemento observado reflete uma intencionalidade pedagógica única, que combina a experiência prática com a internalização de valores comunitários, evidenciando uma abordagem integrada e sensível às especificidades culturais.

No entanto, é necessário aprofundar a análise dos dados para compreender como essas práticas não-verbais se conectam às estratégias de ensino contemporâneas e como podem ser incorporadas de maneira respeitosa em contextos educacionais formais. A seguir, os elementos destacados serão organizados em tabelas, oferecendo uma síntese visual das categorias de práticas não-verbais e suas respectivas contribuições para a aprendizagem Xerente, promovendo uma análise mais detalhada e comparativa.

Tabela 1. Análise das Práticas Não-Verbais na Aprendizagem Xerente

Aspectos Analisados	Observações dos Dados	Impacto na Aprendizagem	Desafios Identificados	Referências
Uso do Silêncio como Estratégia Pedagógica	O silêncio emerge como espaço ativo de reflexão e aprendizagem, permitindo internalização dos saberes. (Melgaço & Pernambuco, 2018)	Desenvolve paciência, respeito e autonomia no aprendiz.	Dificuldade de integração em currículos formais.	Melgaço & Pernambuco, 2018
Aprendizado pelo Olhar	A prática do olhar revelou sua eficácia na transmissão de técnicas e significados culturais por meio de observação. (Rodrigues, 1986)	Facilita a compreensão e a retenção de saberes por meio de experiências práticas.	Pouca valorização pelas pedagogias ocidentais.	Rodrigues, 1986
Gestos e Comunicação Corporal	Os gestos carregam simbolismos e fortalecem o aprendizado prático e a integração com os valores culturais. (Hymes, 1994)	Promove o aprendizado sensorial e emocional, além de habilidades motoras.	Possível interpretação equivocada por observadores externos.	Hymes, 1994
Integração Coletiva no Aprendizado	A aprendizagem coletiva promove interação e coesão social, reforçando valores comunitários. (Backes & Nascimento, 2011)	Reforça o pertencimento à comunidade e a transmissão de valores culturais.	Conflitos entre práticas tradicionais e metodologias contemporâneas.	Backes & Nascimento, 2011
Preservação de Saberes Culturais	As práticas não-verbais asseguram a preservação cultural e autonomia pedagógica frente à modernidade. (Santos, 2010)	Garante a continuidade das tradições e a valorização das epistemologias locais.	Pressões externas que favorecem a assimilação cultural.	Santos, 2010

Fonte: Elaborado pelo Autor (2024).

Ao observar os dados (Tabela 1), nota-se que o silêncio, frequentemente interpretado como ausência em pedagogias tradicionais, se apresenta como um espaço de interação e construção ativa do aprendizado entre os Xerente. Essa abordagem sugere que a pedagogia do silêncio não se limita à introspecção, mas configura uma forma de comunicação rica em significados compartilhados, possibilitando a internalização de valores comunitários e habilidades práticas. Esse resultado aponta para a urgência de ressignificar o papel do silêncio na educação, reconhecendo-o como um elemento central de aprendizagem sensorial e cognitiva.

Além disso, o uso do olhar como uma prática educativa promove uma relação direta e íntima entre o aprendiz e o objeto de aprendizado. A observação atenta dos gestos, movimentos e interações sociais oferece uma experiência de aprendizagem altamente adaptável, onde o aprendiz não apenas reproduz, mas também interpreta e ressignifica o conhecimento adquirido. O impacto do olhar na educação Xerente revela que o processo de ensino não se resume a uma transmissão linear, mas envolve uma troca dinâmica e constante entre aprendiz, mentor e ambiente. Esse dado aponta para um potencial inexplorado de metodologias visuais em contextos educacionais mais amplos, sugerindo sua aplicabilidade em práticas pedagógicas interculturais.

Os gestos e a comunicação corporal, identificados como um eixo central na transmissão de saberes, reforçam a ideia de que o corpo é um veículo essencial de aprendizado. Essa dimensão pedagógica permite que habilidades motoras, cognitivas e emocionais sejam transmitidas de forma integrada. O trabalho revela que os gestos vão além da execução prática, funcionando como um elo entre o aprendiz e os valores espirituais e culturais da comunidade. Esse resultado sugere uma necessidade de valorizar o corpo como uma extensão da mente no processo educacional, desafiando abordagens que separam essas dimensões.

A aprendizagem coletiva, evidenciada na tabela, destaca a importância da interação comunitária como uma prática educativa central. Os resultados mostram que os processos não-verbais de ensino fortalecem a coesão social, criando redes de significados compartilhados que garantem a transmissão de valores e tradições. Essa abordagem contrasta com metodologias individuais e fragmentadas frequentemente adotadas em contextos educacionais formais, apontando para o potencial de práticas comunitárias na promoção de uma pedagogia mais holística e inclusiva.

Para tanto, a preservação de saberes culturais por meio de práticas não-verbais revela a resiliência e adaptabilidade da pedagogia Xerente frente às pressões da modernidade. O trabalho indica que a integração dessas práticas em currículos formais poderia ampliar as possibilidades de uma educação intercultural, desde que respeitadas as especificidades locais. Esse ponto traz à tona a discussão sobre como as pedagogias tradicionais podem se beneficiar ao incorporar práticas não-verbais, promovendo uma ecologia de saberes que reconheça e valorize epistemologias alternativas.

O estudo revela que as práticas não-verbais na educação Xerente não apenas asseguram a continuidade cultural, mas também desafiam paradigmas globais de ensino, ao propor um modelo centrado na experiência sensorial e coletiva. Além disso, identificou-se que essas práticas possuem um potencial transformador para redefinir o papel das emoções e do corpo no aprendizado. A discussão aponta ainda para a necessidade de se criar mecanismos que favoreçam a convergência entre práticas educativas formais e tradicionais, a fim de garantir que saberes indígenas como os dos Xerente sejam preservados e promovidos em um mundo globalizado.

5 CONCLUSÃO

O Artigo mostrou as práticas não-verbais na educação Xerente, destacando o papel central do silêncio, do olhar e dos gestos como ferramentas pedagógicas que transcendem a oralidade. Ao responder à pergunta inicial sobre como essas práticas podem ser compreendidas como formas legítimas de ensino e aprendizagem, conclui-se que elas não apenas asseguram a continuidade cultural, mas também representam modelos educativos altamente eficazes e adaptáveis a diferentes contextos.

A pesquisa evidenciou que essas metodologias, ao promoverem um aprendizado experiencial e coletivo, desafiam paradigmas dominantes e oferecem caminhos alternativos para repensar a educação em sua relação com a diversidade cultural.

Os resultados obtidos têm implicações significativas tanto para a sociedade quanto para a academia. Para a sociedade, eles ampliam o entendimento sobre a importância de respeitar e preservar culturas indígenas, promovendo uma maior valorização das epistemologias locais. No campo acadêmico, o estudo contribui para enriquecer o debate sobre pedagogias interculturais e integrativas, oferecendo insights sobre como práticas não-verbais podem ser incorporadas a modelos educacionais formais. Além disso, a pesquisa sugere que a incorporação de tais práticas pode beneficiar processos de ensino ao priorizar o envolvimento sensorial e a interação comunitária, elementos frequentemente negligenciados em currículos convencionais.

5.1 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Embora os resultados obtidos sejam relevantes, a pesquisa apresenta algumas limitações. Uma das principais limitações está na ausência de coleta de dados empíricos diretamente junto à comunidade Xerente, o que teria permitido uma análise mais detalhada e contextualmente rica das práticas pedagógicas descritas. A escolha pela abordagem bibliográfica, embora adequada para o objetivo do estudo, restringiu a investigação a análises secundárias, o que pode limitar a interpretação de nuances específicas da prática educativa Xerente. Outra limitação refere-se à dificuldade de extrapolar os resultados para outros contextos culturais indígenas, dado que cada povo possui práticas únicas e enraizadas em sua própria história e vivência.

Além disso, o foco no aspecto não-verbal da pedagogia pode ter deixado de explorar interseções potenciais entre essas práticas e a oralidade, que também desempenha um papel importante na cultura Xerente. Por fim, a pesquisa enfrentou a limitação de trabalhar com fontes que, em alguns casos, abordam os saberes indígenas de forma parcial ou eurocêntrica, dificultando uma análise inteiramente decolonial.

5.2 RECOMENDAÇÕES PARA ESTUDOS FUTUROS

Com base nas limitações identificadas e nos resultados alcançados, recomenda-se que futuros estudos busquem aprofundar a pesquisa a partir de métodos empíricos, como entrevistas e observações participativas junto à comunidade Xerente. Essa abordagem permitiria uma compreensão mais ampla e detalhada das práticas pedagógicas, com a possibilidade de captar experiências diretas e narrativas individuais que enriquecem a análise acadêmica.

Seria interessante investigar como metodologias baseadas em práticas não-verbais podem ser adaptadas e aplicadas em contextos educativos formais, considerando suas contribuições para a diversidade e a inclusão.

E como última impressão, sugere-se a realização de estudos comparativos que analisem práticas similares em outras culturas indígenas, identificando padrões, diferenças e possíveis conexões entre elas. Essa abordagem poderia contribuir para o fortalecimento de uma pedagogia intercultural que valorize e integre as ricas epistemologias dos povos originários, promovendo uma educação verdadeiramente plural e transformadora.

REFERÊNCIAS

- BACKES, J. L.; NASCIMENTO, A. C. Aprender a ouvir as vozes dos que vivem nas fronteiras étnico-culturais e da exclusão: um exercício cotidiano e decolonial. *Revista Série-Estudos: Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, Campo Grande*, n. 31, p. 25-34, 2011. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/110>.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRAGGIO, Silvia L. B. Tipologias sociolinguísticas: as macrovariáveis e seu papel na desvitalização das línguas: a língua xerente akwén. In: BRAGGIO, S. L. B.; SOUSA FILHO, S. M. de (Org.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*. CAPES/UFG: Gráfica Vieira, 2009, p. 79-100.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.
- HYMES, Dell. *Foundations in sociolinguistics – an ethnographic approach*. 9 ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1994.
- MACHADO, Vitor Fabrício. *O hálito das palavras: ciências (multi)naturais contra o preconceito*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- MELGAÇO Valadares J, Pernambuco MMCA. Criatividade e silêncio: encontros e desencontros entre os saberes tradicionais e o conhecimento científico em um curso de licenciatura indígena na Universidade Federal de Minas Gerais. *Ciênc educ (Bauru)* [Internet]. 2018 Oct;24(4):819–35. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320180040002>
- RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- RODRIGUES, Aryon D. *Línguas Brasileiras – Para o conhecimento das línguas Indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paulo (org.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2010.